

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE JULHO DE 1913

N.º 347

ASSUMPTOS ARTISTICOS



Exposição de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro
S. Jorge

(Phot. de A. C. Lima)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de julho de 1913

«E enquanto o chefe do governo procura fallar, cercado pelos seus correligionarios, o tumulto começa de novo, mas d'esta vez com uma violencia muito maior, voando, umas após outras, muitas carteiros em estilhas. O que se passa é então indescriptivel, e enquanto os evolucionistas continuam alimentando o tumulto, ao qual durante minutos se juntam os acordos da *Portuguesa*, procede-se a qualquer coisa que parece a votação do projecto, não obstante o tumulto ser cada vez maior.»

(Da *Capital*.)

ISTO passou-se na Camara dos Deputados, durante a sessão de 17 do mez findo, e por mais que me digam e eu tenha lido que scenas identicas se observam frequentes vezes nos parlamentos estrangeiros, longe de me afazer á idéa de que taes factos em nada prejudicam o governo dos estados, como parece querer insinuar-se, eu só vejo n'elles a confirmação de que o moderno parlamentarismo está cada vez mais condemnado como cousa inutil e até prejudicial para a boa administração dos povos.

O que se passou na sessão de 17 prestava-se a certas considerações se outra fosse a indole d'esta Revista e diferente a minha maneira de encarar o assumpto. Poder-se-hia, por exemplo, accusar os deputados da opposição pela sua attitude bulhenta, dizer-lhes que o local não é proprio para cantorias, e ainda que não é bonito escavar o mobiliario da casa com manifesta falta de consideração pelos seus legitimos donos, que somos nós todos, por isso que os pagamos e com tanta generosidade que nem o preço discutimos.

Entendo, porém, não o dever fazer. O acto praticado pelos evolucionistas será amanhã repetido por quaesquer outros deputados desde que a actual opposição passe a ser governo, e além d'isso já estava em moda no tempo da monarchia, não merecendo, portanto, maior censura o que se passou ha pouco senão porque em tudo o novo regimen se dizia superior áquelle que em 5 de Outubro foi deposto.

Não, eu entendo que o defeito não é dos homens. Estes, collocados em condições diversas, procederiam de certo com outra compostura mais propria da magestade da casa e mais compativel com os interesses do paiz.

O defeito deve procurar-se no modo de ser do moderno parlamentarismo.

E' vulgar toda a gente dizer por ahí que não vive de cantigas e entretanto os povos só de cantigas parecem querer viver, pois que, para a escolha de um deputado, se attende sempre mais aos seus dotes oratorios do que ao conhecimento que elle poderá ter das necessidades do estado. E' a eterna historia da *muita parra e pouca uva*.

A organização dos actuaes parlamentos, ou seja da representação nacional, assenta em principios falsos e absurdos porque:

1.º — O povo não escolhe livremente os seus representantes. Vota em listas que lhe mettem na mão, ou que lhe mandam para casa, e em individuos que ou não conhece ou só conhece pelas suas bonitas palavras;

2.º — Esses representantes são eleitos por circulos e como estes teem interesses variadissimos, não é facil encontrar algum que de todos perceba e por conseguinte de todos possa tratar com o cuidado que o bem estar geral reclama;

3.º — Os deputados são sempre escolhidos, não pela sua maior competencia, mas sim pela sua maior influencia politica, patrocinada pelos respectivos partidos, que muitas vezes chegam assim a impôr individuos que nem mesmo de vista conhecem os circulos por onde são propostos.

D'aqui resulta que:

— São poucas as classes representadas no parlamento;

— O povo, o verdadeiro povo, poucos ou nenhuns elementos lá tem;

— Os deputados são, acima de tudo *politicos*, representantes de partidos em vez de procuradores do povo que, em regra, não tem politica;

— D'esta fórma os parlamentos poucas vezes se manifestam á altura da sua missão, umas porque não sabem e outras porque não pôdem resolver as difficuldades nacionaes, perdendo o tempo

em discussões inuteis e em luctas cujo verdadeiro mobil é servir interesses partidarios.

Que tudo isto é assim ninguem desapaixonadamente o poderá contestar. A inutilidade e os defeitos do parlamentarismo estão mais que demonstrados com o facto de muitos governos recorrerem a dictaduras, mais ou menos disfarçadas, quando querem produzir alguma obra de valor e sem maior perda de tempo.

Ora eu penso que, se voltassemos um pouco ao antigo, aproveitando o muito que lá existe de bom e corrigindo o que não estivesse em harmonia com as necessidades da moderna civilização, conseguiriamos resolver o problema, arranjando uma representação nacional que, quando não fosse perfeita, pelo menos seria muito mais competente, muito mais liberal e popular, e sem os vicios politicos que, indubitavelmente, são a causa primaria da esterilidade dos actuaes parlamentos.

Em vez de deputados eleitos por circulos, os parlamentos, as côrtes ou como lhe queiram chamar, seriam compostas de procuradores de classes, sendo o numero d'estes proporcional ao desenvolvimento e á influencia de cada uma d'essas classes na vida da nação.

Esses representantes, deputados ou procuradores — o nome não importa — podiam ser monarchicos ou republicanos. Ninguem lhes perguntaria as idéas que tinham, visto que não iam representar ideaes politicos mas sim defender interesses de classes.

A politica seria assim completamente banida de todas as discussões e no parlamento haveria gente competente para tratar de todos os assumptos, gastando muito menos tempo e consumindo menor quantidade de palavrado.

E' possivel que me objectem que poderia dar-se o caso que alguns representantes não fossem os mais competentes da classe que iam representar e defender.

Sim, é muito possivel que assim acontecesse algumas vezes porque a perfeição absoluta é um ideal irrealisavel. Entretanto, preciso é notar que, para evitar taes absurdos, poderia crear-se uma legislação especial, determinando as condições em que o individuo poderia ser eleito, devendo tambem ponderar-se que não é muito facil que uma classe se illuda ácerca do valor dos membros que a compõem.

Um parlamento d'esta ordem seria uma verdadeira representação nacional, visto que todas as classes de que se compõe o paiz lá teriam o seu logar marcado. Nunca mais haveria tumultos porque a politica deixaria de fallar para dar logar á discussão serena dos verdadeiros interesses da nação.

Assim constituido, o parlamento não seria nem um dominio do rei nem um club republicano.

J. NUNES DE FREITAS.

Noite de agosto

(Inédito)

E' noite clara de luar de prata...
Um fio d'agua no jardim cantando!
Serena paz das coisas se desata,
Sopro de aragem perfumado e brando!

No ceu, concha d'anil, já se retrata
Um delirio de luz — astros em bando.
Dóce magia as almas arrebatada,
Noite de amôr para viver sonhando!

Ellas são três. D'uma a gentil presença
Corta na sombra a treva pouco densa;
D'outra mal se distingue o meigo rosto.

Beija o luar a face d'outra ainda
E, porque junto a mim sorri tão linda,
Tenho ciumes do luar de agosto.

ACACIO GUIMARÃES.

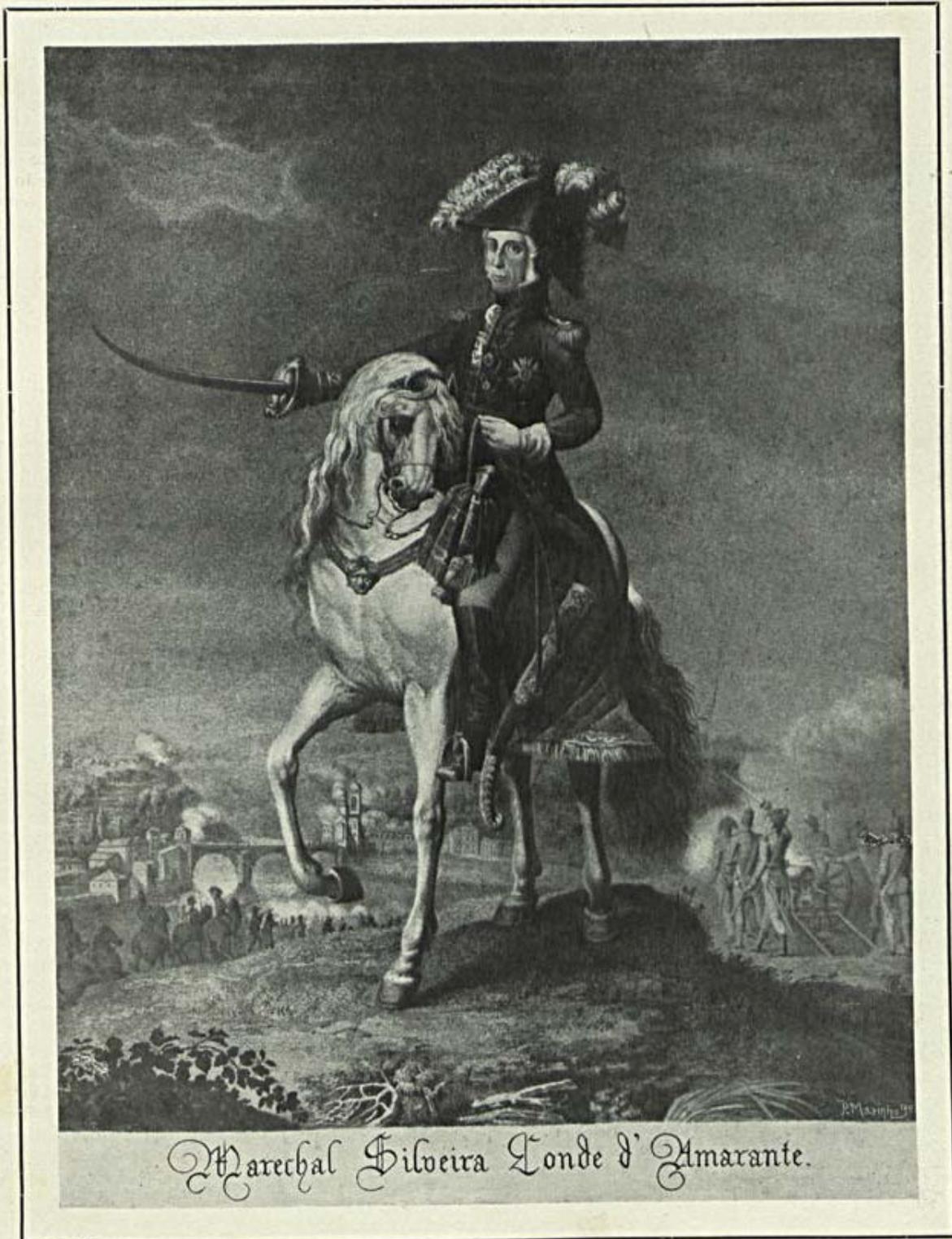
A felicidade consiste em pôr o coração do lado do dever.

OCTAVIO FEUILLET.

Centenario da Guerra Peninsular

Commemoração do 1.º centenario da batalha de Vitoria

(21 - Junho - 1813)



Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 9.º senhor da Honra de Nogueira e S. Cypriano, senhor do morgado do Espírito Santo, grã-cruz da Ordem da Torre e Espada e da de S. Fernando em Hespanha, commendador da ordem de Christo, governador das armas de Traz-os-Montes, marechal do exercito e 1.º conde de Amarante, pelos seus grandes feitos de armas.

Foi este heroico militar o commandante dos 26:000 portuguezes que entraram na batalha de Vitoria, a maior da Guerra Peninsular

O Dembe Grande

DA importante fabrica de assucar instalada na magnifica propriedade do Ex.^{mo} Sr. Souza Lára, o *Dembe Grande*, damos hoje aos nossos leitores algumas photographias, lamentando que de maior espaço não possa dispôr o *Brasil-Portugal* para com a devida largueza dar uma ideia mais nitida de tão importante estabelecimento industrial, que n'um futuro pro-

de assucar, a par da enorme plantaçao de canna, materia prima da sua industria, apresenta á vista do visitante o deslumbramento da vegetação luxuriante de um clima creador, onde as arvores e a vinha fructificam duas vezes por anno, n'um conjuncto surpreendente de todos os deliciosos fructos africanos, com os mais delicados da Europa, como a maçã, a pera, uva, a laranja e a tangerina!

Foi a fabrica montada em 1903, e primitivamente destinada a destillação de alcool; ultimamente, porém, tendo sido prohibida tal industria em Africa, foi devidamente adaptada á producção do as-

sucar, que no anno findo attingiu, com 5 cylindros esmagadores, 2:000 toneladas, e que no anno proximo, pelo grande incremento dado á plantaçao da canna e pelo augmento do numero de cylindros, deverá produzir nada menos de 4 a 5:000 toneladas, e de futuro muito mais.

Tivemos occasião de ver e apreciar as magnificas qualidades do asucar produzido, tanto do branco, em crystaes, que na região se consome, como do escuro, por conter ainda um excesso de melaço, como convem ao commercio em Lisboa, que assim o recebe.

Está o *Dembe Grande* a 17 kilometros do mar, e pode calcular-se que enormes difficuldades a vencer, que somma de trabalho e energia foi necessario dispendir, para se conseguir levar a tão grande distancia, através de um terreno immensamente accidentado, cortado por profundas ribeiras, sem vislumbre de estrada, e caminhando-se quasi a corta-matto, todo o pezadissimo material que constitue uma fabrica! Só uma força de vontade de ferro e uma energia que desconhece o desfalecimento, como a do Sr. Souza Lára, a par de uma iniciativa extraordinaria e intelligente, poderiam levar a cabo tão arrojado empreendimento!

E que serie de difficuldades a vencer para, a tão grande distancia do ponto de embarque, fazer transportar os importantes carregamentos do asucar que a sua fabrica já hoje produz!

Ha 30 annos foi projectada pelo actual general Gorjão, quando director das obras publicas, uma estrada que com o mar ligasse aquella região. Chegaram a fazer-se 3 kilometros, mas ali parou, e até hoje nem mais um metro se construiu!

Terá pois o Sr. Sousa Lára de fazer por sua conta os 14 kilometros restantes, empreza a que se abalançou, e para o que tem já o respectivo projecto, com obras d'arte importantes, inclusivé pontes metalicas, estando em correspondencia com uma casa industrial que d'ellas se encarregará, para brevemente dar começo aos trabalhos tão dispendiosos quanto indispensaveis para o progresso da sua industria.

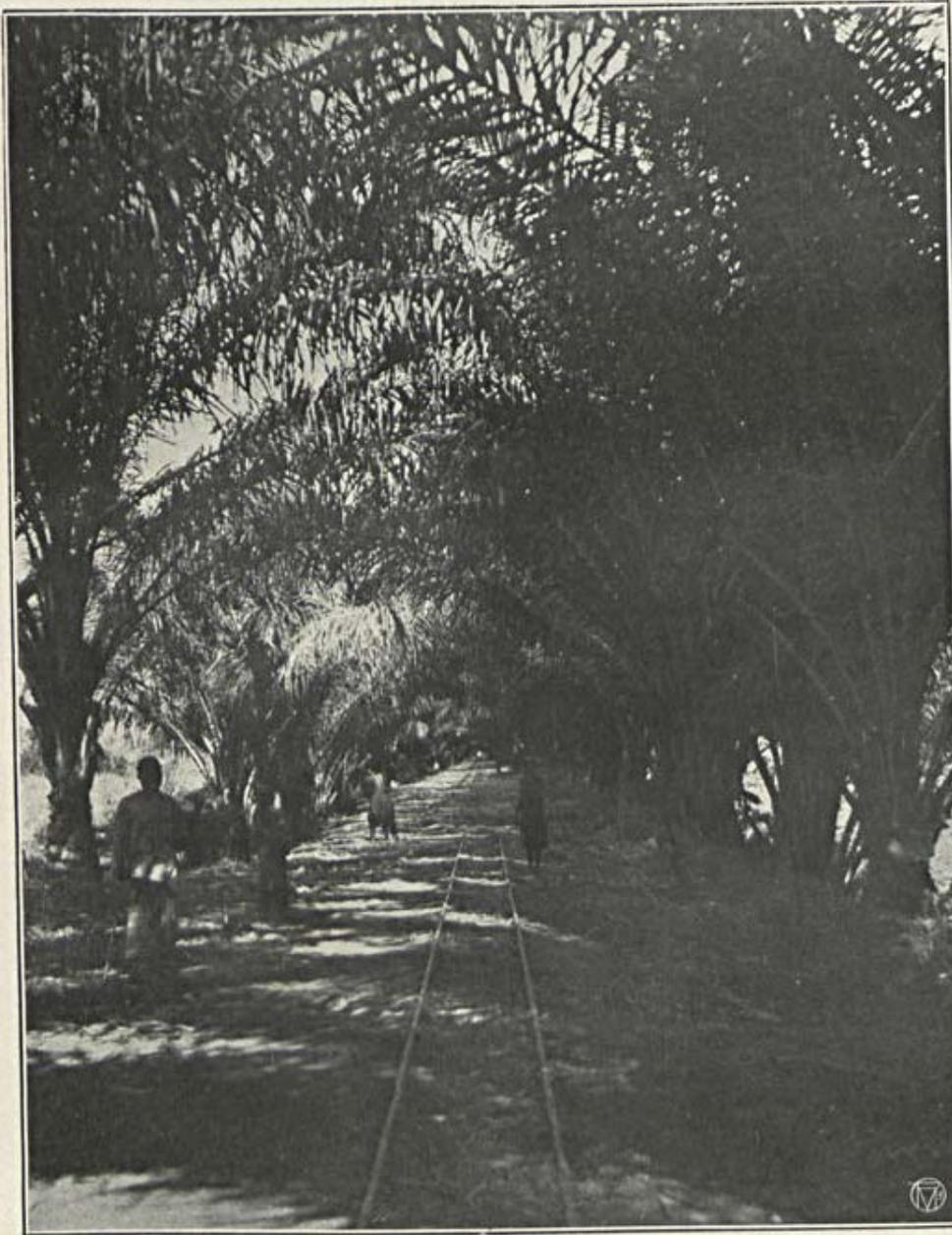
Augmentada consideravelmente a plantaçao da canna, reforçada a fabrica com um maior numero de cylindros esmagadores, e estabelecida a

comunicaçao facil com o mar por meio de um Decauville, pode bem calcular-se qual a extraordinaria importancia industrial e commercial que um futuro proximo reserva ao *Dembe Grande*!

Uma das grandes difficuldades com que o agricultor e o industrial luctam em Africa é a acquisição do pessoal para trabalho—o preto.

Assumptos coloniaes

O Dembe Grande



Uma rua de palmeiras

ximo será no seu genero, se o não é já, um dos mais importantes do paiz.

O *Dembe Grande*, a bella propriedade do Sr. Souza Lára, de 15:000 hectares de extensao, é uma das melhores e mais formosas do districto de Benguella. Atravessada quasi a meio por um rio que lhe fertiliza o terreno e abastece largamente a sua fabrica



O Dembe Grande — A apanha da canna

Como é sabido, alcança-se por meio de requisições feitas ás respectivas auctoridades que, pelos seus bons officios junto dos regulos, os obtêm por meio de contracta, sendo esta, em regra, com o pagamento adeantado de um mez.

O preto, geralmente, só forçado trabalha. A terra é para elle mãe carinhosa, que lhe dá com o minimo esforço o bastante para se alimentar; ella lhe fornece tudo quanto precisa para a satisfação das suas limitadas exigencias, o que faz com que o seu supremo goso consista em passar grande parte da vida deitado de costas, ao sol tropical que o deleita!

A mulher, a preta, é quem trabalha. E' ella que cultiva as

terras, que semeia o milho, sua quasi exclusiva alimentação, que o colhe, que o esmaga, reduzindo-o a farinha, que o prepara e que o cozinha. Elle, o preto, deita-se sobre o macio capim, esperguça-se e gosa o supremo bem de nada fazer que o fatigue!

Arrancado a essa inação, que o seduz, e forçado ao trabalho que quasi por completo desconhece, aproveita a primeira occasião propicia para fugir, grande parte das vezes, antes mesmo de completar o mez do pagamento adiantado!

Isto é o pão nosso de cada dia, e o agricultor ou o industrial que n'um dia vê os seus campos replectos de gente, encontra-se



O Dembe Grande — Fabrica de Assucar — Engenho com cinco cylindros esmagadores

frequentemente no dia seguinte com o seu pessoal reduzido a metade ou a um terço!

Isto mesmo aconteceu ao Sr. Souza Lára. Tendo requisitado de uma vez 600 pretos, a custo obteve 300: pois não eram passados 15 dias e já lhe tinham fugido quasi todos, sem que nunca os tivesse podido reaver, perdendo portanto o salario adeantadamente pago e ficando sem o pessoal de que carecia!

Que fazer? tentar o impossível: desistir da aquisição do preto contratado; procurar obter pessoal que voluntariamente quizesse trabalhar na sua propriedade! E conseguiu-o! Com tanta humanidade, com tanto carinho, com tanta lizura trata o preto, que este, ao retirar-se, quando muito bem quer, vae pelo matto fazendo a propaganda do *Dembe Grande*, incitando conhecidos e amigos a um trabalho bem e regularmente remunerado, sem coacção nem

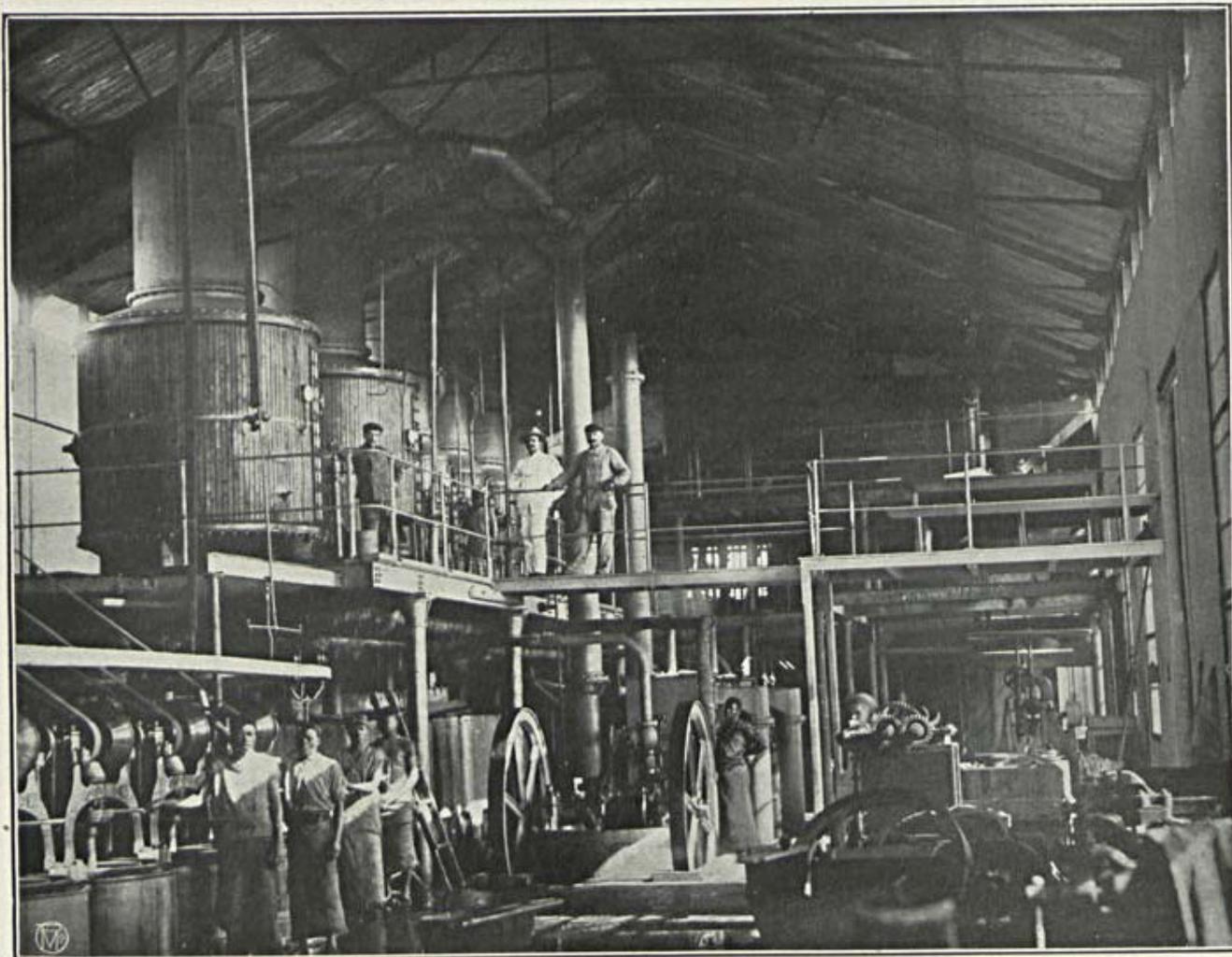
por concluida a sua tarefa, sem exigencias de mais trabalho até ao dia seguinte!

Isto, que entre brancos é corrente e vulgar, representa, para se conseguir do preto um tal trabalho, um tão grande esforço de paciencia e de *savoir faire*, que chega a entrar no dominio da phantasia! Pois é simplesmente a realidade!

E se todos os nossos coloniaes assim procedessem, que riqueza enorme não haveria a auferir da nossa Africa, pelo aproveitamento e valorisação do trabalho do indigena, um dos maiores, senão o maior, dos problemas africanos a resolver!

Que a sorte bafeje sempre quem tão digno d'ella é, pelo seu esforço e trabalho intelligente e perseverante, são os nossos melhores votos.

J. V.



O Dembe Grande — Fabrica de assucar — Grupo de turbinas e caldeiras para coser a canna

violencia! E actualmente o Sr. Souza Lára tem 1:200 pretos trabalhando na sua propriedade, sem maiores canceiras para os obter, tendo ultimamente dado ordem aos seus feitores para receberem toda a gente que se apresente para trabalhar, e muita tem recebido.

Mais: o preto é geralmente desconfiado, julga sempre que o branco o engana (e quantas vezes com razão!); exige o pagamento ás semanas, e se por ventura lh'o demoram, chega a fugir com perda do salario vencido, tão certo fica de que não mais lh'o pagarão! Pois o Sr. Souza Lára já conseguiu que os pagamentos sejam feitos mensalmente; e tanta confiança inspira aos seus serviças, que, continuando na propriedade por mais de um mez, lhe confiam á sua guarda as suas cartas de trabalho (mappas onde diariamente se menciona o direito ao vencimento do salario) para mais tarde lhe ser feito, por junto, o pagamento!

Mais: habituou-os ao trabalho por tarefas, em liberdade, sem dependencia de horas, indicando a cada um o que tem de produzir diariamente para ter direito ao salario; e vulgar é ver o preto esquecer as horas da comida ou do descanso, para mais cedo dar

Um disfruetador

N'um dos nossos primeiros theatros foi á scena um drama que logo na primeira representação cahiu para nunca mais se levantar, no meio de furiosos protestos do publico, pateada, assobios, chufas, o diabo...

No meio da enorme balburdia havia, porém, um espectador que applaudia freneticamente.

Um visinho indignado, perguntou-lhe:

— O senhor gostou do drama?

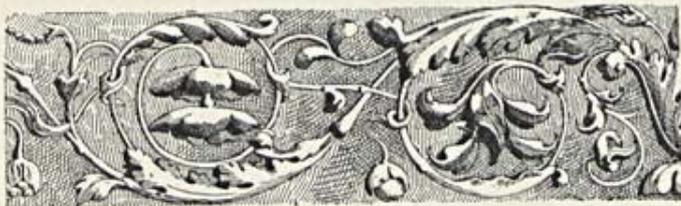
— E' uma tremendissima *pepineira*.

— Não parece que pense o que diz. Está a applaudir com tanto enthusiasmo...

— O peor é que já estou muito cansado. Mais forças que eu tivesse, mais applaudiria.

— Ha-de desculpar-me, mas não percebo...

— Pois é bem simples, homem. Estou a applaudir os que pateiam!



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXI

A luveira

Eu namorei uma luveira que nesse tempo morava na calçada de Sant'Anna e recolhia a casa sempre depois das 8 horas da noite. Chamava-se Lucinda e gaguejava um bocadinho quando se commovia ou zangava.

O nosso namoro começou por causa do regresso de minha tia Conceição, senhora de maneiras antigas, que residia na provincia e resolveu um bello dia vir até á capital ver os Armazens Grandella e os sobrinhos. Quando ia cumprimental'a ao hotel vi que me tinham esquecido as luvas, e corri lépido á lojinha onde Lucinda acariciava as mãos dos freguezes enluvando-as em pelle de suede.

Achei o primeiro par apertado, o segundo largo, o terceiro feio, o quarto com as molas laças, o quinto com a pelica escura, o sexto... Seria fatigante innumerar todos os pares de luvas que eu fiz a pobre Lucinda exhibir sobre o balcão para poder chilrear-lhe uns madrigaes entremeados de suspiros que a faziam sorrir ora desdenhosa, ora complaciva. Mas, ao vigesimo par, tive que pôr ponto nos defeitos, nos madrigaes e nos suspiros, porque o patrão roncou forte lá do cubiculo, avisando-me da oportunidade de finalizar a compra. Despedi-me promettendo ali voltar breve «porque tinha uma grande encomenda de luvas para uns primos que estavam no Brasil» — parentella que nem existia.

E accentuei alto para o bruto do cubiculo ouvir:

— Uns quinhentos pares de luvas, talvez, porque os meus primos compram sempre por atacado e do melhor!...

Corri á tia Conceição com a imagem de Lucinda a bailar-me na vista, e requebrei-me airoso na sala do hotel dizendo coisas amaveis ás primas que sorriam escarninhas, olhando-me de soslaio.

Ao principio imaginei que as pequenas eram tolas; depois classifiquei-as de divertidas chamando-lhes, rindo tambem, *priminhas reinadias*. Mas a mais nova, apezar das reprimendas da mãe, largou por fim uma franca gargalhada perguntando-me *se era moda andar desirmanado*.

Reparei então. Trazia uma luva preta e outra amarella. Embuchei e ia a ser espiritualmente irreverente com a Lucinda quando me quedei recordando-me dos seus olhos avelludados e pestanudos que me haviam feito embasbacar lamechento perante um montão de coiro curtido. E expliquei o engano: «a pressa de vir ver a tia e as primas trocistas».

Voltei nessa mesma noite pela lojinha da Lucinda. Já estava fechada.

Ao fim de quinze dias eu contava na minha caixa doze pares de luvas de diversos tamanhos, feitios e côres, e dava o meu primeiro passeio com Lucinda. Fomos a Algés. Ouvi-a então gaguejar pela primeira vez contando-me commovida a sua historia. Era de Santar e viera aos doze annos para Lisboa viver com a madrinha. E quando estava quasi a casar com um Julião louro, de bigodes retrocidos, elle fugiu para a Africa e ella foi para luveira. Chorou tres lagrimas saudosas pelo ingrato e eu amuei, ciumento, fazendo rabisquinhos na areia molhada.

— E o senhor o que é? — perguntou-me dispondo-se a interrogatorio severo.

— Eu... sou um escravo seu, menina Lucinda — e chamei a mulher dos biscoitos d'Oeiras para amenisar com gulodices a confissão da minha identidade.

Namorámo-nos dois mezes e dêmos quatro passeios a Algés, tres ao Campo Grande e um a Cintra.

A's oito e meia eu passei então a ser certo todos os dias na calçada de Sant'Anna.

A Lucinda morava no 3.^o andar, n'uma parte de casa com boa vista sobre um vasto horizonte de telhados onde os gatos amovidos grunhiam toda a noite. Na saletinha de fóra havia um sôphá côxo que eu equilibrara com uma caixa, tornando-o forte e resistente; e na parede um relógio de Cucú, dadia do Julião, que me fazia pular raivoso e ciumento como se incarnasse em si os bigodes louros do ingrato que tinha deslumbrado Lucinda n'outros tempos. D'uma vez — badalava o innocente bicharoco de papelão dez horas — não me contive, e n'um impeto atirei-lhe com a fôrma de madeira em que Lucinda cozia as luvas que os freguezes esgarçavam na loja.

A fôrma não acertou no Cucú e foi espalmar-se na bochechinha assetinada de Lucinda, que escamada, esperneou.

Na trapeira da frente uma velha esganiçada gritou *ó da guarda* e enquanto o maldito Cucú berrava dez vezes cucú, eu, afflicto, corria a buscar arnica para bezuntar a face molestada. Mas a velha da trapeira, continuava berrando e apontava-me com o dedo esbrugado:

— Lá vae o assassino!... lá vae o assassino da menina Lucinda!...

A custo consegui serenar os animos da visinhança explicando que o culpado *tinha sido o Cucú e que a menina Lucinda estava bem*.

Voltei então com a arnica e suppliquei magoado perdão por a desastrosa pontaria. Lucinda ainda retilou com a bochechinha dorida, chamando-me estúpido e gaguejando medonhamente.

Passou mais um mez. Eu lá ia todas as noites ás oito e meia ajudar a Lucinda a cozer as luvas esgarçadas pelos freguezes. Cheguei a saber do officio com uma tal ou qual pericia.

A Lucinda ria, vendo a minha habilidade e a constancia do meu amor, que eu jurava ser fixo como o preto dos seus olhos pestanudos.

As vezes jogavamos a bisca. Ella então contava-me coisas da terra, fallando-me da Sr. Felicidade, que eu não conhecia, e das fidalgas do Molledo, que tinham sido amigas da mãe. Ouvia aquellas narrativas escabeceando, mas protestava muito interesse para a não contrariar.

Quando n'esse anno chegou o Santo Antonio eu já ia sempre mais tarde para casa de Lucinda, e o enthusiasmo que me havia feito no principio galgar os degraus corcomidos d'aquelle terceiro andar velho e mal cheiroso, a quatro e quatro, eram subidos momentaneamente, sem pressa.

Abri a boca umas poucas de vezes durante a noite e ás onze safava-me, com o pretexto de affazeres urgentes.

— Estás como o Julião... São todos o mesmo... — e a Lucinda raivosa choramingava.

Jurava que não; que entre o louro e o preto havia uma grande differença de sentimentos, todos favoraveis á côr da minha cabelleira revolta. Mas, realmente, eu sentia já o Cucú sem impetos de colera e o nome de Julião não me causava os formigueiros ciumentos do principio. Comecei mesmo a desejar que esses bigodes fañhudos não tivessem sido arrastados por uma biliosa e podessem regressar á patria mais seductores do que nunca.

E um dia felizmente regressaram!

Foi uma scena tragica. Eu virava a esquina para a calçada de Sant'Anna quando lobrei ao longe a Lucinda a conversar com um mocetão atarracado, de fato claro e corrente luzidia onde um veado d'ouro se bamboleava, accusando abastança.

Tive um palpito: seria o Julião? Era com effeito o Julião que, respeitador e confuso, offerecia á Lucinda a sua mão de esposo e a sorte n'uma loja d'algodões que vinha montar na Betesga com os cabedades ganhos em quatro annos de labuta pelo sertão. Assim que chegára corraera a casa da madrinha; e de visinho em visinho tinha ido parar a lojinha das luvas e d'ahi á calçada de Sant'Anna, onde solemne e commovido propoz reparar a falta das suas promessas d'outros tempos, não cumpridas.

Com uma eloquencia verdadeiramente superior convenci Lucinda a aceitar, invocando exemplos historicos de factos semelhantes, fallando na psychologia da alma e no socialismo moderno. Mostrei-lhe o risonho futuro que a esperava n'uma abastança folgada; e invoquei os bigodes louros do Julião como dos mais perfeitos do commercio lisboeta.

Lucinda mudou-se. Eu desapareci da calçada de Sant'Anna. E quando um anno depois passei pela Betesga, vi a Lucinda, gorda e sadia, á porta dos algodões.

... Levava n'esse dia o ultimo par de luvas que as suas mãosinhas me haviam calçado quando eu ainda retilava forte á lembrança dos bigodes louros...

Já lá vão tantos annos!

CRISPIM.

As festas da cidade de Lisboa



O carro da Instrução que figurou no cortejo de homenagem a Camões

Caridade e Generosidade

(Conto arabe)

A discussão, serena ao começo, foi tomando as proporções de disputa azeda, e houvera fatalmente degenerado em rixa se um dos tres interlocutores, ou antes, um dos tres *interdisputadores*, mais pacifico ou mais medroso, não cortasse o fio da questiuncula, alvitrando uma solução facil e racional.

Discutia-se se Abd Allah ben Chafar era mais ou menos caritativo do que Kais ben Alkama ou que Arabet el Ausy.

Claro está que guiados pela sua paixão nenhum d'elles se deixava vencer, até que Ali propoz que os tres ali reunidos, simulando mendigos, fossem, cada um áquelle que respectivamente defendia, implorando uma esmola, pondo assim em prova os dotes caritativos dos causadores involuntarios da discussão.

Dito e feito.

Separaram-se, procurando cada um pôr em pratica a ajuizada solução da controversia.

Ao centro da praça da povoação de X... nas margens do Mar Roxo, um dos tres companheiros quedou-se admirando a sumptuosa e oriental riqueza ostentada por Abd Allah ben Chafar nos preparativos da viagem que ia intentar.

Tratava-se com effeito de uma viagem quasi principesca. Abd Allah ben Chafar levava consigo um carregamento de escravas e 20 camelos vergando ao peso de tudo quanto é indispensavel para tornar commoda e agradavel uma expedição.

Quando o dono de tão rica e numerosa caravana se dispunha a montar um magnifico camelo, adiantou-se o nosso arabe e d'este modo falou a Chafar:

— O' tu, parente do enviado de Allah! (1) Compede-te d'um pobre caminhante sem recursos, em demanda de longiquas paragens! Protege-me em nome de Allah.

Commovido, Chafar respondeu:

— Em boa hora vieste, meu irmão. E' teu este camelo. Mais te dou estes mil dinheiros para as tuas necessidades. E agora parte, e que Allah te proteja.

Isto dito, montou outro camelo e afastou-se ligeiro com o seu sequito.

Quando esta scena tinha lugar, outro dos tres companheiros encaminhava-se com passos rapidos em busca de Kais ben Alkama, que vivia nos arrabaldes de X...

A' porta da casa de Kais uma velha escrava disse-lhe que seu amo e senhor dormia.

— Vinha, interrompeu o falso mendigo, pedir ao teu amo que

(1) Chafar era primo de Mufoma.



As festas da cidade de Lisboa — Amazõnas que tomaram parte no concurso hippico

(Phot. de ***)

me protegesse. Sou um desgraçado que caminha em procura da sua patria, a arrastar-se, quasi sem forças...

— Já te disse, replicou a escrava, que meu amo está a dormir;



As festas da cidade de Lisboa — O carro das tricenas que entrou na batalha das flôres

porém não te afflijas, que eu, em seu nome, te offereço um dos seus camelos.

E a caritativa escrava deixou por um momento só o falso mendigo, indo buscar-lhe um dos dromedarios de Kais.

Este era d'ahi a pouco informado do succedido. Em vez de desgostar-se com o procedimento da serva, disse-lhe:

— Vejo que és boa, porque para socorrer um desventurado irmão não receiaste meu castigo, e tanto me agrada a tua conducta que, desde esse momento, e como recompensa da tua boa acção, te concedo a liberdade.

Ali não se esquecera tambem da experiencia que elle proprio

Acercou-se Ali, repetindo as phrases de seus companheiros. Arabet parou, contristado; — nada tenho, desgraçado irmão, disse a Ali... Mas agora reparo, sou mais rico do que tu; sim, posso, posso socorrer-te, exclamou radiante de alegria o piedoso velhinho. Dou-te este escravo, vende-o, e remedeia-te conforme possas. Não m'o recuses, que, se tal fizeras, a liberdade lhe seria dada promptamente...

E o pobre cego seguiu o seu caminho, tropeçando aqui, ferindo-se ali, cahindo mais adiante, mas bendizendo a Allah, que lhe permitira fazer uma obra de caridade.

Reunidos novamente, Ali e os seus amigos, proclamaram a Arabat como o mais caritativo, dizendo: Abd Allah ben Chafar e Kais são apenas generosos porque dão muito do que muito tem e que lhes é superfluo, o que não succede com Arabet el Ausy, que se desfaz até do que lhe é indispensavel.

JOSÉ LASSALLE.

O cumulo do impudor

Um influente politico, homem de reconhecido valor, intelligente e illustrado, pediu um dia ao presidente do conselho um lugar importante que tinha vagado e para o qual todos reconheciam ter elle as habilitações e categoria necessarias. O lugar era, porém, pretendido tambem por um d'esses individuos que, blasphemando em toda a parte contra os politicos e contra os partidos, vão comendo com todos, ao mesmo tempo que impudentemente se classificam de homens honestos, incapazes de chafurdar na porcaria da politica. E taes intrigas teceu, taes baixesas praticou que alcançou a nomeação.

Pois, um dia, recebendo este individuo felicitações pela sua nomeação, de alguns seus conhecidos que se encontravam n'um grupo do qual fazia parte o influente politico que primeiro pretendia o lugar, agradeceu e accrescentou com todo o descaramento:



As festas da cidade de Lisboa — O fogo de artificio no Tejo

(Phot. de ***)

alvitrára. Dirigiu-se a casa de Arabet el Ausy, a quem encontrou no caminho.

Arabet regressava da mesquita, apoiado a um escravo, porque aos achaques da sua propecta idade alliava a desdita da cegueira.

— O que me mais me lisongeia é o facto de ter sido nomeado para tão importante e até honrosa commissão, sem que para isso tivesse dado um unico passo.

— Ah, decerto, murmurou o influente politico; quem anda de rastos, não dá passos.



As festas da cidade de Lisboa — O aviator D. Luiz de Noronha no quarto n.º 14 do Hospital de S. José, depois do desastre ocorrido na manhã de 11 de meç findo.

Os contras do divorcio

(CONTO)

Con voluntad tan firme y tan constante
Quiere morir, que muere porque quiere.
R. de Campoamor.

BRANCA era uma mulher pallida e franzina, de aspecto triste, embora tivesse os labios sempre abertos n'um sorriso de comprazer. Casára em França aos quinze annos, com um francés divorciado, e ainda não tinha passado um mez, sobre o dia em que cometera tal disparate, e já não tinha illusões ácerca do marido. A mãe, exaggeradamente religiosa, prégava-lhe que um casamento civil não era um casamento e que a infelicidade d'ella provinha de não ter a benção de Deus. Branca ouvia-a em silencio, pezava as suas observações e dizia consigo: «Não, Deus não pode ser vingativo nem peor do que eu... A causa é outra...»

E era.

Muito ligado á primeira mulher, Eugénio divorciara-se porque não tivera outro meio de satisfazer o seu capricho por Branca. Ella acceitára-o como marido, apesar da opposição da familia, mas não o queria nunca como amante. Satisfeito o seu desejo, obtida a mulher, perdeu o interesse, e o habito de tantos annos recobrou o seu império. Eugénio voltou a ligar-se á primeira mulher, continuando a viver com a segunda. Em vão Branca se revoltou, chorou, pediu, e fugiu vezes sem conta para casa de seus pais. Elle protestava que eram invenções, ciumes sem motivo, filhos d'uma imaginação nervosa e desvairada. Isto offendi Branca ainda mais do que a propria falta. E elle justificando-se aos olhos do sogro, dizia:

— Minha mãe continuou, apesar do meu divorcio, a viver com a nóra de quem é muito amiga. Está velha, doente, não pode sahir... V. Ex.^o comprehende: eu não hei de deixar de ver minha mãe. Faça-lhe todos os dias uma curta visita e nunca vejo Marianna, que é bastante digna e discreta para se não querer encontrar comigo.

O sogro dizia á filha:

Tu não tens razão. Teu marido cumpre o seu dever. A prova é que até os filhos o vêem ver aqui para elle se não demorar lá.

Branca não respondia, mas ficava na sua. A vida íntima, o conhecimento que tinha do caracter do marido, fizeram nascer entre ambos um fundo resentimento que em vão Eugénio se esforçava por diminuir. Morreu a mãe de Eugénio e nos seus ultimos dias *as dedicadas amigas* de Branca empenharam todos os seus esforços para que ella, ignorante do estado da sogra, recusasse receber em casa os filhos do marido. A pobre creatura, já cansada e experiente em ser juguete dos outros, resistiu ás insinuações. As creanças deixaram de ir, o que ella muito estimou sem perguntar porquê. Dias depois, morria a mãe de Eugénio e elle continuava a ir diariamente a casa ver os filhos que eram agora o pretexto para poder frequentar a mulher.

O sogro insurgiu-se e disse á filha:

— Tu tinhas razão, deixa esse homem e vem para casa.

Ella sorriu e respondeu:

— Não vou. A minha situação agora é melhor. Estou livre da tortura de ver as crianças, de as ouvir fallar na mãe, de estarem á espera que eu saia para lhe darem recados e entregarem bilhetes, emfim uma chuva de cousas que me augmentavam immenso o soffrimento. Se elles tornarem a vir, sahirei então.

— Mas agora que tu não tens duvidas? perguntou-lhe a mãe indignada.

— Duvidas nunca tive. Que me contestassem a verdade nunca me diminui o soffrimento.

Eugénio, porém, contente com o silencio da sua segunda mulher, deu largas á paixão pela primeira. Branca sentia que não podia mais, mas sabia que quantas vezes fugisse quantas elle a iria buscar. Um pensamento tenaz a começou a perseguir; «E' preciso terminar esta situação». E interrogava-se:

— Um crime? Um escandalo? Um passo máu que eu dê para levantar o impossivel entre nós?...

E meditava longamente no caso.

Quando o seu estado d'alma se lhe reflectia no rosto e o marido lhe perguntava o que tinha, via, se era franca na resposta, um encolher de hombros desdenhoso e ouvia-se chamar maniaça.

A ideia do suicidio começou a persegui-la, mas o filho era ainda tão pequeno... Que seria d'elle se ella faltasse? E o receio de que o marido o entregasse á outra, fazia-lhe febre.

Um dia, em que o soffrimento subiu de ponto, e em que ella se movia como um automato, sem animo para nada e com a consciencia de que não estava em si, acompanhou o marido á porta e perguntou-lhe:



As festas da cidade de Lisboa — O aviator Manio momentos antes do desastre que o victimou

(Phot. de ***)

O attentado da rua Nova do Carmo por ocasião das festas da cidade



No largo de S. Domingos — A prisão de um syndicalista que fazia parte do grupo que atirou a bomba

— A que horas vens?

— A's tres, respondeu elle.

E sahio sem reparar no desolado aspecto da pobre criatura, tão vulgar e habitual elle se lhe tornára.

Branca vestiu o filho, vestiu-se, chamou um gallego, entregou-lhe uma mala com papeis e dirigiu-se para a estação do Rocio; mas antes, deitou no correio um papel em que escreveu: «Mandarei noticias do pequeno regularmente.»

Pôde ainda tomar o Sud-Express e partiu. Deixava em Portugal todos os seus affectos e amizades aos quaes nunca ninguém correspondera e dizia comsigo:

— Morro porque quero, mas não pela vontade dos outros. Soffro a dôr que me causo

conscientemente e não a que os outros me impõem mau grado meu.

Eugénio ao lêr o bilhete da mulher e vendo-se na impossibilidade de ir atraz d'ella, visto ignorar-lhe o paradeiro, murmurou com desafogo:

— Até que enfim! Isto não era viver para nenhum de nós.

Branca seguindo com a vista o fumo do comboio que tomava a direcção d'este Portugal, que ella deixava com rancor e sem saudades, murmurava abraçando o filho:

— Quero viver, e viverei porque quero, por ti e para ti.

E os olhos, onde a dôr já não trazia lagrimas, arderam-lhe um pouco mais que de costume.

MARIA O'NEILL.

Opportuna explosão de ressentimento

O marquez de Marivault, regressando d'uma campanha onde perdera um dos braços, dirigiu-se a Luiz XIV a pedir-lhe uma mercê. O rei, guardando o memorial que lhe apresentou o valente militar, respondeu-lhe apenas:

— Veremos, veremos.

— Perdão, meu senhor, retorquiu serenamente o marquez; se eu tivesse respondido tambem — veremos, veremos, — quando me foram chamar para ir combater os inimigos de Vossa Magestade, ainda agora teria os meus dois braços.

O rei deferiu immediatamente a pretensão do seu energico servidor.

PENSAMENTOS

O homem que não foi desde o berço protegido por uma fada do espirito do descontentamento por tudo quanto existe, nunca chegará a descobrir cousas novas.

WAGNER.

É manifesto hoje que a justiça e o trabalho, a ordem e a liberdade, são para um homem e para um povo a fonte viva da riqueza, o verdadeiro thesouro que importa acumular.

GRATRY.

Todas as gerações riem das velhas modas, mas seguem religiosamente as novas.

THOREAU.

A nação mais moral e illustrada é aquella em que os homens se distinguem especialmente pela sua exactidão e pontualidade em tempo, lugar, palavra, serviço e contas.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Todo o povo morre depois de mortas as suas grandes florestas.

JOÃO LAHOR.

Não se deve explicar a humanidade pelo homem, mas o homem pela humanidade.

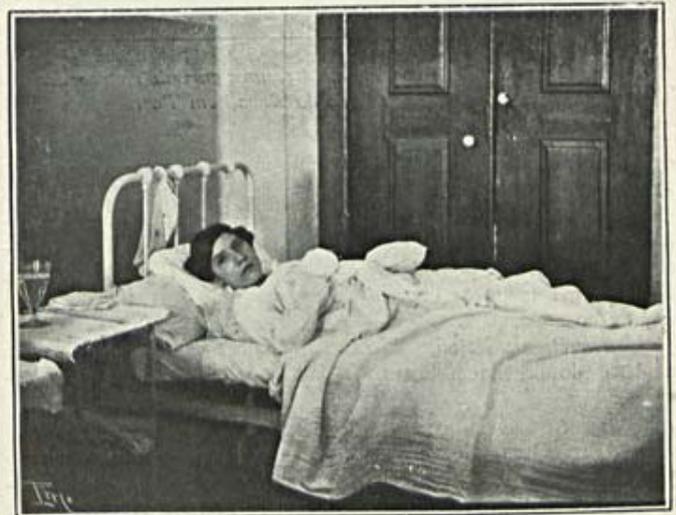
AUGUSTO COMTE.

A lembrança é o aroma da alma. E' a parte mais delectavel do coração que se desprende para abraçar outro coração e segui-lo por toda a parte.

G. SAND.

Querem ser livres e não sabem ser justos!

SIEYÉS.



O attentado da rua Nova do Carmo — Uma das victimas — Uma menina brasileira chamada Olivia a quem tiveram que amputar uma das mãos. (Phot. de ***)

VIDA ELEGANTE

Diplomatas estrangeiros — Festas mundanas

Chegou a Lisboa no *Arlança*, o novo ministro do Brasil em Portugal, sr. dr. Oscar de Teffé von Hoonholtz. Não é um diplomata estrangeiro que aborda a terras portuguezas; é um amigo muito querido que regressa alegremente a um paiz que o recebe com alegria. Tendo estado em Portugal durante alguns annos como 1.º secretario da legação, o sr. dr. Oscar de Teffé bem como a sua gentilissima e distincta esposa, a sr.ª D. Mercedes da Costa Pereira de Teffé, contaram sempre as dedicadas amizades pelos seus conhecimentos pessoais, visto não ser possível deixar de experimentar a influencia do encanto inegalavel da sua convivencia, sem que a breve trecho a sympathia ficasse convertida em affectuosa estima.

No seu lar modelo, ondem florescem risonhamente duas crean-

Müller, o eminente chanceller. A par da sua distincção pessoal e da galhardia com que o diplomata captiva os seus compatriotas, — é de accentuar o modo porque serve o seu paiz, a maneira porque o representa, e a segurança com que faz a amizade ambiente.

Como 1.º secretario, o Dr. Teffé era a figura mais querida do corpo diplomatico, recebia maravilhosamente, a principio no seu esplendido «apartem» da Liberdade, em seguida no palacete da praça Rio de Janeiro, e estava a cada instante agindo junto á politica, sempre do modo o mais sympathico. E quando um brasileiro passava por Lisboa, encontrava o secretario que lera o ultimo jornal de cá, que se interessava pela patria commum e que o cumulava de gentilezas.

Quem conhece como *touriste* os nossos diplomatas, deve imaginar a excepção que é o Sr. Dr. Teffé.

Hontem, tivemos occasião, no Itamaraty, de conversar com o Sr. ministro do Brasil em Lisboa.

— V. Ex.ª vae contente?

— Como não? Sabe a minha sympathia por aquelle paiz.

VIDA ELEGANTE



O sr. dr. Oscar de Teffé von Hoonholtz, novo enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil em Portugal



O sr. dr. Simon Planas Suarez, Ministro de Nicaragua em Portugal e Italia

cas — a mais nova nascida em Portugal, estão sempre abertas as azas brancas da Bondade, tornando-o bem attraente. Compreende-se portanto a satisfação com que foi recebida a noticia da nomeação do sr. dr. Oscar de Teffé para Portugal e as demonstrações de franca sympathia com que a primeira sociedade de Lisboa e em geral todas as classes sociaes o vêem regressar com sua familia ao nosso paiz.

A *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, referindo-se ao novo ministro do Brasil em Portugal, dava estes interessantes pormenores:

«O sr. Oscar de Teffé está na carreira ha muito tempo, pode-se dizer que percorreu o mundo, representando o Brasil, sempre com brilho e galhardia. Mas na Scandinavia ou em Athenas, em Nova York ou em Buenos Aires, S. Ex.ª não esquecia nunca a sua predilecção por Portugal. Quantos conheceram Lisboa, no tempo em que o Sr. Dr. Oscar de Teffé era ahi primeiro secretario, só podem louvar a acertada escolha do Sr. Dr. Lauro

— E installa-se logo em Lisboa, apesar do verão?

— Immediatamente. Tenho muito que trabalhar.

— Póde-se dizer.

— Aos jornalistas, não. A razão de ser da diplomacia é agir em silencio. Por isso muita vez a sua acção é attribuida a outras influencias.

— E' o nosso tratado, o que não se faz? E' a compra de uma ilha para deposito de carvão do Brasil? E' a campanha contra a corrente immigratoria para cá?

S. Ex.ª sorria:

— Nada d'isso. Mas devo responder á sua ultima pergunta. Ha uma tal sympathia em Portugal pelo Brasil, — que não póde haver campanha. Ha um desejo de retenção da corrente, mas para qualquer paiz, e não só para o Brasil.

— Parte então a 12?

— E installo-me immediatamente na mesma praça Rio de Janeiro, no palacete que S. Ex.ª o embaixador Morgan estava preparando quando foi enviado para o Brasil.



Vida elegante — A illustre cantora e pintora sr.^a D. Adelaide de Lima Cruz no seu «atelier»

Vamos ter o Brasil representado sympathica e brilhantemente, até que o ministro seja embaixador — cousa que cada vez mais se impõe, dadas as relações entre as duas nações.»

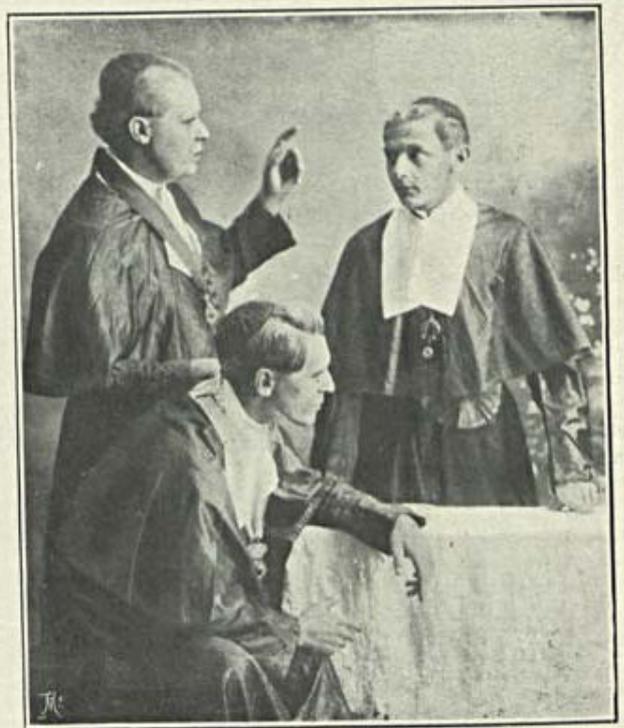
O novo ministro do Brasil installa-se no esplendido palacio da antiga praça do Principe Real, hoje praça do Rio de Janeiro, que pertenceu ao fallecido Polycarpo Anjos e é uma das mais lindas e bem situadas moradias de Lisboa, tendo á frente um salão de musica, um salão de baile, sala de recepção e ainda outro salão de jogos. Ultimamente esteve alli installada a legação da America do Norte. Mr. Edwin Morgan, quando aqui esteve ministro do seu paiz, gostára da casa e mandara proceder a grandes modificações, mobilando-a e decorando-a com a maior sumptuosidade.

Durante trez mezes aqui estiveram occupados nesse serviço seis empregados da casa Maple de Londres. Com estes melhoramentos gastou Mr. Morgan mais de cem mil francos; mas, a soberba habitação ficou digna da alta personalidade diplomatica que a queria habitar. Inesperadamente Mr. Edwin Morgan foi promovido a embaixador e collocado no Rio de Janeiro, e a legação continuou installada no Palacio da praça do Rio de Janeiro até que o novo ministro do Brasil a tomou a Mr. Morgan para alli se installar com sua distincta familia.

Que sejam bemvidos e aqui se conservem por largo tempo! Esta tem sido a phrase acolhedora com que todos em Portugal saudam o novo representante do Brasil, sua esposa e gentis filhinhos.

O sr. dr. Simon Planas Suarez, Ministro de Nicaragua em Lisboa e decano do corpo diplomatico estrangeiro, foi encarregado de representár o seu paiz em Italia e Hollanda continuando a exercér o seu alto cargo diplomatico em Portugal. Jurisconsulto distincto, citado pelo seu valór em vários livros estrangeiros da especialidade e auctor de importantes obras de direito, o sr. dr. Simon Planas Suarez distingue-se por uma exagerada modéstia e pelos primóres do seu criterio. Tendo em alta conta os seus méritos, o govérno de Nicaragua acaba de nomear o illustre diplomata seu delegado ao Congresso Internacional de Haya, onde

por certo o sr. dr. Simon Planas Suarez, irá mais uma vèz affirmar os bellos dotes da sua intelligencia.



Vida elegante — Portuguezes na Bahia — Uma representação da «Ceia dos Cardeaes». Em pé, Alexandre Cardoso (Cardeal Ruffo), Hugo Rocha (Cardeal de Montemorency), sentado, João Trigueiros (Cardeal Gonzaga).

Da estação que está positivamente no fim, ha ainda a registar, a linda *matinée* com que a sr.^{ta} D. Adelaide de Lima Cruz obsequiou numerosas pessoas da sociedade elegante da capital. Foi uma esplendida festa de arte em que o talento delicado de M.^{me} Lima Cruz resplandeceu de forma notabilissima, interpretando com a sua soberba voz alguns bellos trechos de Carl Læw.

Esta distincta senhõra, a quem prestamos hoje a viva homenagem de nossa admiração, não é só uma cantõra de alto valõr, é tambem uma pintora de assignalado merecimento. Vendo-a no seu *atelier* e ouvindo-a nas suas festas d'arte, acredita-se que Deus tenha fadado certos espiritos femeninos para nos reconciliar com a humanidade — às vèzes bem deshumana!...

Na Bahia, n'uma festa elegante para debute d'um grupo de amadõres dramaticos, tres rapazes nossos compatriotas, os srs. Alexandre Cardõso, Hugo Rocha e João Trigueiros, representaram a primõr, segundo o affirma toda a imprensa d'aquella cidadê, a linda comedia de Julio Dantas *A Ceia dos Cardiaes*. E assim n'essa noite de festa, a tão grande distancia da patria, foi delicadamente evocada a lembrança de Portugal pela affirmação do valõr d'uma das obras primas de sua litteratura.

E como isso é deliciosamente consoladõr, longe da nossa terra!...

L. T.

Sarau musical em casa de Madame Rangel Baptista

Na primeira quinzena de Junho, realisou-se, em casa de Madame Palmyra Rangel Baptista Mendes, o concerto annual que esta illustre professora costuma effectuar, para apresentação das suas discipulas.

Conhecido, como é, que Madame Rangel Baptista foi uma das primeiras e mais distinctas discipulas de Rey Collaço, mantendo em toda a pureza o methodo do grande Mestre, e sabendo-o por sua vez transmittir ás suas discipulas, entre as quaes avulta pelo seu provado talento pianístico, sua filha, Mademoiselle Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes, ter-se-ha idéa de que foi essa *soirée* musical, que durante fugitivas horas enlevou o espirito da selecta assistencia.

Uma das notas mais delicadamente emotivas da noite foi a apresentação das principiantes, algumas graciosas pequenitas de dez a doze annos, Mesdemoiselles: Clotilde Beirão, Deidamia Borges de Lima, Stella Vaz Monteiro, Clayde Cinatti da Silva, Bertha d'Oliveira e Alda Neves, exhibindo-se já, com toda a consciente gravidade e provocando justos applausos, em trechos de Reineck, Schumann, Grieg, Rameau, Sgambatti, Mendelssohn e Heller.

Seguidamente coube a vez aquellas, que, contando poucos annos mais, pois estão ainda no radioso desabrochar primaveril, já adquiriram foros de verdadeiras pianistas. E n'este ponto cedemos o logar ao nosso distincto

collega do *Dia*, que, com inteira justiça e competencia, se referiu nos seguintes termos a este concerto:

Em primeiro lugar, não queremos deixar de nos referir á maneira verdadeiramente brilhante como mademoiselle Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes executou varios trechos de Chopin e Liszt.

O sentimento e a expressão com que mademoiselle Rangel Baptista Mendes executou os dois bellos trechos de Liszt *Tu es le repos* e *Romance* encantaram a assistencia que lhe fez uma calorosa ovação

Sem duvida teremos allí uma grande artista de futuro, na grande arte da Musica que cultiva com tanto amor. D'aqui enviamos a mademoiselle Rangel Baptista Mendes e a sua mãe e grande mestra as nossas felicitações.

Mademoiselle Maria Carolina Bon de Sousa da Motta Marques interpretou com uma comprehensão digna de registo *Les ailes de chant*, de Mendelssohn-Liszt. Já não é a primeira vez que temos ensejo de nos referir ás bellissimas qualidades de pianista de mademoiselle Motta Marques.

Mademoiselle Ferreira da Fonseca entusiasmou tambem o auditorio pela maneira brilhante como executou alguns trechos de Chopin.

Mademoiselle Maria d'Abreu Baptista executou com verdadeiro sentimento tres *préludes* de Chopin, e o fado n.º 9 de Rey Colaço.

Muito nova ainda, extremamente graciososa, conseguiu prender todas as atenções durante a execução dos referidos trechos, sendo applaudida com caloroso entusiasmo.

Sentimos, afinal, a tentação de ir citando uma a uma as executantes do magnifico concerto de sabbado, tão boa impressão guardamos das qualidades que tivemos ensejo de lhe apreciar.

A todas enviamos as nossas felicitações e os nossos agradecimentos por nos terem proporcionado umas horas de tanto goso espiritual.

Como «disease» cheia de graça e intenção, tivemos occasião de applaudir a sr.^{ta} D. Lilia de Azevedo Gomes na recitação da graciososa poesia de Augusto Gil *O passeio de Santo Antonio*.

Na segunda parte do programma cantou com a maior correção a sr.^{ta} D. Oriza da Silveira.

Depois fechou o concerto pela execução do poema symphonico de Liszt, *Festklänge*, transcripto para dois pianos pelo auctor.

Foi d'um brilho pouco vulgar a maneira como madame Magalhães Lobato e madame Rangel Baptista Mendes executaram es-a bellissima obra de grande musica. A assistencia festejou-as com os mais sinceros e calorosos applausos.

Pouco depois principiou a *meia hora de conversa*, pelo sr. dr. Cunha e Costa.

O illustre conferencista começou por se confessar embaraçado, tendo elle, o homem de trabalho e o politico, de ir ali falar ás jovens educandas de madame Rangel Baptista, em cujo instituto elle proprio foi um collegial.

Não se inquietou a assistencia com a sua confissão, tanta confiança tinha nas suas admiraveis qualidades de *causur*. E foi brilhante essa *meia hora de conversa*. O sr. dr. Cunha e Costa falou sobre *Educação* e melhor thema não poderia escolher para a sua palestra. Foi como sempre, brilhante. A assistencia sentia que as suas palavras eram a expressão da verdade. Demonstrou que não se pôde educar uma alma de creança sem a ensinar a respeitar Deus e a Patria. E falou encantadoramente da Patria. E disse do culto que cada portuguez deve ter pelo seu glorioso passado. Foi por vezes d'nma ironia... justa, immensamente justa. Referiu-se depois á maneira verdadeiramente carinhosa como madame Rangel Baptista Mendes sabe educar a alma das suas alumnas. Foi brilhante e foi sincero, entusiasmado o auditorio.

Terminada assim a execução do programma foi servida uma delicada ceia.

Só perto das duas horas da madrugada começaram os convidados da familia Rangel Baptista a retirar, tendo ficado todos encantados com a linda festa a que tiveram o grande prazer de assistir.»

F. M.



M.^{me} Palmyra Rangel Baptista Mendes



M.^{lle} Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes

THEATROS

Theatros

THEATRO APOLLO — "A mão misteriosa"

Republica — *De capote e lenço* — Revista em 3 actos e 3 quadros, original de João Bastos, Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, musica de Philippe Duarte e Calderon.

Vem agora a proposito o rião: *outros tempos, outros costumes*. Até ha bem pouco, a época regular em que funcionavam os nossos theatros ia de meio de outubro a fins de março; e era durante esse espaço de tempo que se exhibiam perante o publico lisboeta todas as novidades theatraes de sensação. Eram para então as peças de espectáculo, de que as empresas esperavam larga receita, não havendo quem, tirante aquelles mezes, se aventurasse a grandes empreendimentos, — isto mesmo da parte dos auctores que previam sempre pouco éxito das estreias no verão, em que os theatros estavam quasi sempre ás moscas, o que os obrigava a encerrar as suas portas, á excepção de um ou outro, que procurava com artistas seguros, fazer reviver peças antigas de agrado certo, reputação feita, que, embora não dêssem largos lucros, asseguravam, no emtanto, o rendimento necessario para manter o equilibrio da receita com a despeza. E assim nós vimos, em pleno verão, na Trindade, por exemplo, pela companhia do antigo theatro D. Maria, com as suas primeiras figuras, a *Volta ao mundo*, *Um Drama no fendo do mar*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, — peças estas de que sempre ouvimos os nossos paes falar com paixão, e que não poucas vezes salvaram as empresas de apuros.

Dos actores, un§ á mingua de trabalho, ficavam em Lisboa; outros invadiam a provincia, que era n'esse tempo uma regular fonte de receita, e ainda outros se aventuravam caminho do Brasil, onde os proventos eram sempre compensadores.

Correram os tempos, as cousas mudaram de feição: — o publico começou a aborrecer os dramalhões, a preferir-lhe as revistas e espectaculos alegres, e em pouco tempo esse genero, hoje cosmopolita, entrou por completo no agrado do nosso publico, e por tal fórma, que as empresas foram-se, aos poucos, aventurando, produzindo-se assim um certo evolucionismo no nosso meio theatral, por tal fórma lucrativo, que quasi todos os nossos theatros fazem hoje a sua temporada de verão e os auctores já não desdenham reservar para essa occasião as suas melhores producções, com as quaes os empresarios não se arreceiam de dispender capitães:

Na presente época o arrojio tomou proporções phantasticas: — Taveira, com uma coragem digna de registo, empregou rios de dinheiro no *Fim do Mundo*; um grupo de artistas de varios theatros de declamação fez a montagem no **Apollo**, como que para uma temporada de inverno, de uma peça emocionante, cheia de situações — *A Mão Misteriosa* — fazendo reviver outras, como a *Tosca* e *Rei dos Gatunos*; e finalmente o **Republica** apresenta-nos — fóra da época do carnaval — uma revista!... Mas uma revista a valer, não só pela manufactura mas pelo desempenho a cargo de artistas como Ignacio, Joaquim Costa, Henrique Alves, Arthur Rodrigues, Viriato Lima, e do elemento feminino Auzenda, Medina de Sousa e Isabel de Oliveira; u n excelente corpo de baile; um grupo de interessantes coristas; um scenario



Scena do 3.º acto

de bello effeito, graça com profusão, ferindo com originalidade a nota politica.

MANOEL RUY.

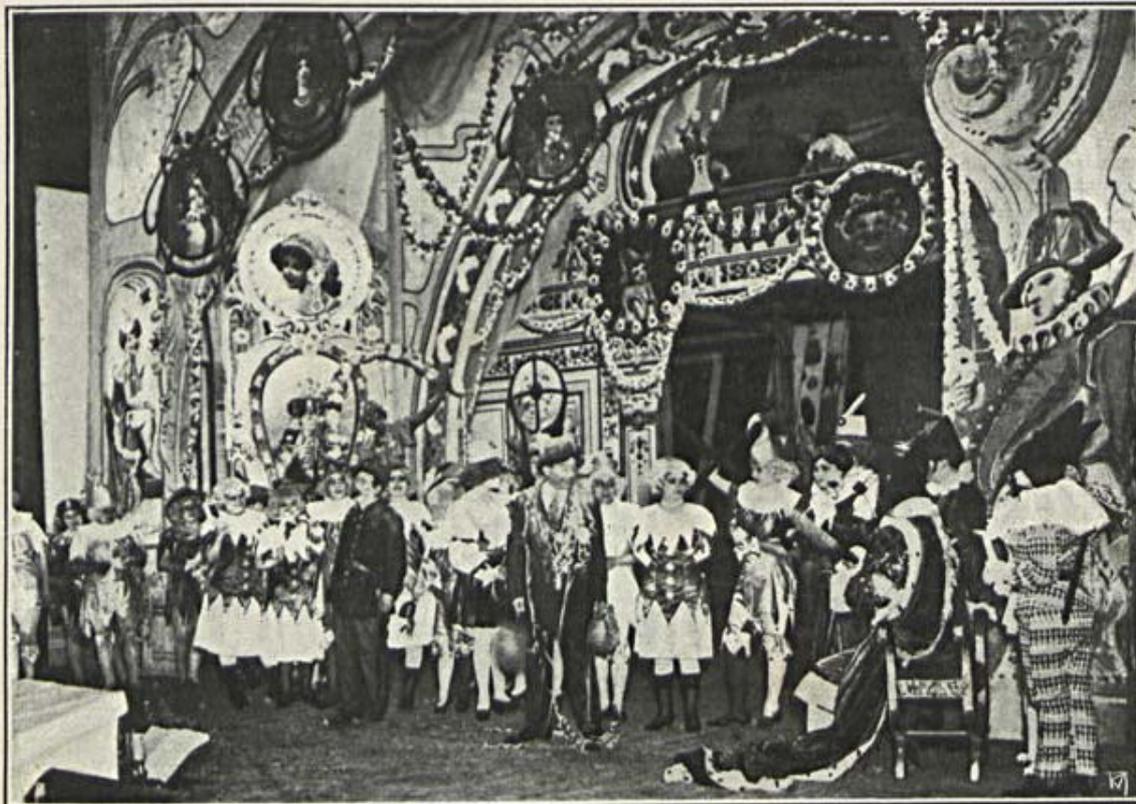
THEATRO APOLLO — "A mão misteriosa"



Final do 3.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

THEATRO DA REPUBLICA — “De capote e lenço”



Primeiro quadro — A chegada da policia

The Splendid Foz Garden

Sob este titulo sobremaneira suggestivo e de feliz eleição, porquanto não poderia ser mais apropriado, estabeleceu-se em plena foz do Tejo, n'uma soberba e majestosa propriedade sobranceira a Alameda de frondosos arvoredos e excelentemente situada, não só pelo facil accesso, mas tambem pelo aprazivel do lugar, onde se disfructa um dos melhores panoramas do noosso rio, uma empreza de que fazem parte nomes conhecidos, que se propõe levar a effeito, a exemplo do que se faz no estrangeiro, um sem numero de diversões, como concertos *au grand air*, torneios de jogos sportivos, bailes, emfim tudo quanto possa interessar ao mundo que se diverte.

Dentro do edificio fizeram instalar um optimo serviço de restaurant com almoços e jantares de meza redonda, servidos n'uma ampla e elegante sala.

Teve a empreza do *The Splendid Foz Garden* a captivante lembrança de convidar para um jantar intimo toda a imprensa da capital, tendo-se a nossa redacção feito representar por

dos devidos à minha gerarchia e não como se eu fôra qualquer dos seus maltrapilhos do hospital.

— Monsenhor, respondeu-lhe o medico serenamente, todos esses maltrapilhos a que Vossa Eminencia se refere, são considerados e tratados por mim como se fossem eminencias.

THEATRO DA REPUBLICA — “De capote e lenço”



Sexto quadro — O fado

um dos seus colaboradores. Do que foi essa festa já todos os nossos colegas fizeram echo, restando-nos apenas endereçar á empreza que tão sympathico empreendimento tomou sobre si, conjuntamente com os nossos agradecimentos, os parabens pela iniciativa, desejando-lhe largos proventos.

Correctivo merecido

O cardeal francez Dubois sendo sido um dia atacado de doença grave que exigia a intervenção immediata da cirurgia, mandou chamar Boudou, cirurgião chefe do hospital geral de Paris. Quando o medico se lhe apresentou, o cardeal dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

— Espero, senhor, que me tratará com os cuidados